

## de Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

— pelo fato de ser um novo. Em alguns isso é, talvez, um secreto medo das jovens gerações, ou o sutil desejo de, apadrinhando-as, dirigí-las. Em outros será simples doçura paternal. Não censuro a uns nem a outros, mas meu respeito pelos velhos e minha ternura pelos moços são, no terreno literário, medíocres.

Aqui dentro do meu ramo, a crônica de jornal, devo, sem dúvida, me considerar um velho. Peguei muito cedo este batedor, e nele já visivelmente me cansei um tanto e ainda mais os leitores. Habituei-me a ouvir, sem mágoa, a opinião de que as melhores coisas que escrevi foi há muitíssimos anos atrás, nos tempos da juventude; filosoficamente me consolo em pensar que em alguns casos o leitor que pensa ter saudades de minha juventude tem, na verdade, de sua própria, quero dizer, de um tempo em que vibrava por qualquer coisa escrita. A mim pessoalmente o que escrevi há muito tempo em geral me aborrece quando não chega a me dar remorso ou pejo. Tentar voltar àquilo me parece tão sem cabimento nem dignidade como sair para a rua com o chapéu de palhinha dos dezenove anos.

Se algum ideal ainda tenho hoje nessa coisa de escrever seria o de poder escrever muito menos para, com mais sossêgo e limpeza, dizer algumas coisas que trago no peito. Nem por serem medíocres mereceriam menos ser escritas com mais vagar, e decência.

Mas o antigo fervor, esse não volta. A água que brota da terra, a estranha semente que vem no vento da manhã que asanha os ares... E é contra isso que esse diretor de jornal ergue os muros de seu melancólico e policiado jardim de flores sábias. Está no seu direito, mas faz mal.

## EM MEMÓRIA DE UM QUALQUER

JOÃO ALPHONSUS

*Terminou a vida. Mais nada nem ninguém.  
Mas esta voz melodiosa de onde?  
E este silêncio que pesa sobre todos os fins.  
Terminou a vida. A vida ficou.*

*Pisa de leve, que a terra vai florir feito uma bênção.  
Pisa com amor, porque os mortos estão debaixo da terra.  
Aos pares, aos grupos, rilhando os dentes, tremendo de frio.  
No lôdo das chuvas, na poeira das ruas. Pisa de leve.*

*De leve sim, com a resolução do desespero.  
Sei lá! Mesmo talvez com cinismo. E um passo adiante  
O notâmbulo que entra de súbito numa rua sombria  
Não sente mais frio nem calor que na rua iluminada.  
Mas a alma pode se confranger no mistério subitâneo.  
Irmão da sombra, essência da sombra. Um passo adiante.*

*O mistério banal que nasce das esquinas escuras.  
O sujeito pode querer garantir os níqueis que tem no bôlso.  
Pode querer garantir sua alma contra o pecado.  
Pode assoviar baixinho para romper o silêncio e a sombra.*

*Pode mesmo cantar qualquer canção de infância.  
Braços maternos que o apertaram bastante.  
E uma voz que vem de longe, e uma voz que vem de longê.  
Sem começo nem fim.  
Terminou a vida.*

Um dos grandes contistas do Brasil ("Galinha Cega", "Sardanapalo", "Eis a Noite"), João Alphonsus nasceu em 1901 e faleceu em 1944. Começou fazendo versos e não deixou de fazê-los discretamente, embora sua força se manifestasse inteira na ficção. O poema desta página é de 1937.

## Jardim fechado

Contam-me de um jornal cujo diretor desfêz a combinação que um seu auxiliar fizera com certo escritor, alegando não querer saber de novos. Quer apenas os escritores já provados, os melhores, geralmente de uma certa idade.

Acho o caso melancólico, e esse diretor um homem sem imaginação.

Não posso ser acusado de excesso de simpatia pelos novos. Sempre achei mesmo de uma tocante tolice a atitude de alguns dos nossos escritores consagrados, sempre dispostos a dar uma excessiva importância a qualquer poetinha ou ensaísta que surge